

dústria tipográfica, em 1862, causou um profundo impacto tanto nos empregados quanto nos trabalhadores<sup>20</sup>. E, embora os homens, em parte por consequência disso, geralmente fossem contra a admissão de mulheres, eles se viram cada vez mais obrigados a reconhecer na década de 1860 que seus salários eram insuficientes para sustentar uma família. Na medida em que os imigrantes da década de 1850 foram formando famílias na década seguinte, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho se tornou cada vez mais uma pura necessidade econômica.

É claro que, dentro dessas tendências gerais, havia inúmeras nuances, que dependiam das mudanças tecnológicas e organizacionais e das inovações dos produtos, as quais originaram algumas ocupações (em especial, a de supervisão de máquinas, como descrito por Zola) e eliminaram outras. Um debate considerável acerca da educação e da posição das mulheres, e sobre a organização do seu trabalho, também surgiu<sup>21</sup>. Por um lado, os conventos parisienses tornaram-se centros de mão de obra feminina rigidamente organizados, mal remunerados e altamente competitivos — fato que criou significativo descontentamento entre os trabalhadores homens e alimentou o sentimento anticlerical que iria florescer sob a Comuna. No fim da década de 1860, pequenos grupos de feministas socialistas tentaram reavivar os experimentos de 1848 com cooperativas de mulheres para a produção e o consumo, antes de se tornarem uma importante força organizadora durante a Comuna<sup>22</sup>. Isso nos remete a questões mais amplas que merecem a devida consideração sobre a posição das mulheres.

<sup>20</sup> Georges Duveau, *La vie ouvrière en France sous le Second Empire*, cit., p. 327; Albert Thomas, *Second Empire*, cit., p. 200.

<sup>21</sup> Jules Simon, *L'ouvrière* (Paris: Hachette, 1861), p. 286-7; Paul Leroy-Beaulieu, *De l'état moral et intellectuel des populations ouvrières et de son influence sur le taux de salaires* (Paris, Guillaumin, 1868).

<sup>22</sup> Henriette Vanier, *La mode et ses métiers: frivolités et luttes des classes, 1830-1870* (Paris, Armand Colin, 1960), p. 109; Alain Dalorel, *Pauline Minck: communarde et féministe, 1839-1901* (Paris: Syros, 1981).

## 10. A CONDIÇÃO DAS MULHERES

A mudança de uma época histórica pode ser sempre determinada pela atitude de progresso da mulher perante a liberdade.

CHARLES FOURIER\*

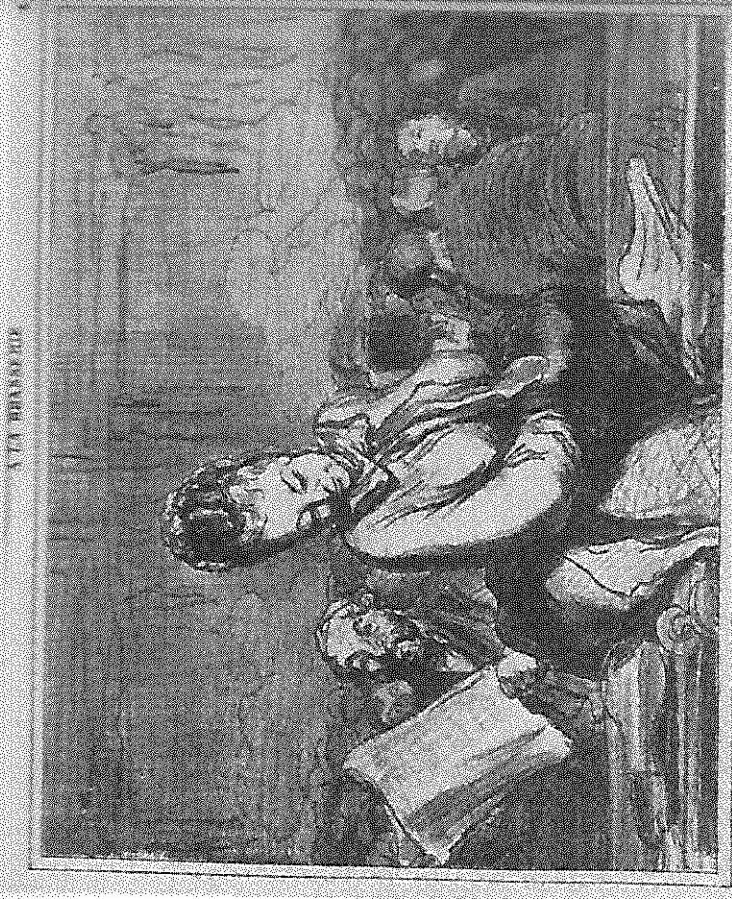
“O pior destino para uma mulher”, escreveu Michelet em *La femme* [A mulher] publicado em 1859), “é viver sozinha”. Ele cita o número desproporcional de mulheres jovens cujos corpos nunca foram reclamados dos hospitais públicos como total justificativa para sua tese sobre o destino inevitável da mulher que vivia sem a proteção da família. Usou esse fato doloroso da vida na Paris do Segundo Império como base para um julgamento de cunho moral. Mas com isso também mostrou um medo generalizado nos círculos burgueses: o da mulher insubmissa e independente. Para a burguesia, o termo *femmes isolées* indicava

o domínio da pobreza, um mundo de turbulenta sexualidade, independência subversiva e subordinação perigosa [...]. Associadas à prostituição, essas mulheres carregavam “a culpa moral” que fazia das grandes cidades “centros permanentes de infecção”. Elas perturbavam que se expressassem ou eram elas mesmas simplesmente a expressão de “paixões tumultuosas”; algo que, em tempos de sublevação política — como na Revolução de 1848 —, ameaçava subverter toda a ordem social.<sup>23</sup>

Assim, como veremos mais adiante, construiu-se uma forte conexão entre gênero, produtividade e revolução.

<sup>23</sup> Citado em Karl Marx e Friedrich Engels, *A sagrada família, ou A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes* (trad. Marcelo Backes, São Paulo, Boitempo, 2003), p. 219. (N. E.)  
 Jules Michelet, *La femme* (Paris, Flammarion, 1981), p. 65 [ed. bras.: *A mulher*, São Paulo, Martinus, 1995]; ver também Jeanne Gaillard, *Paris: la ville*, cit., p. 222-4, e Joan Wallach Scott, *Gender and the Politics of History*, cit., p. 147.  
 E. L. Thomas, *The Women Incendiaries* (Nova York, George Braziller, 1966).





La Muse de la Brasserie

FIGURA 63: A musa da cervejaria, de Daubigny, não somente parece ter inspirado a famosa pintura da garçonete do Folies Bergères, por Manet, mas também indica um dos papéis que as mulheres cada vez mais representavam na fêre impérial. Nos bares e também nas lojas de departamentos, a exibição explícita da sexualidade em relação à mercantilização tornou-se prática habitual durante esses anos.

Para a mulher, legalmente considerada menor pelo Código Napoleônico, era difícil, embora não impossível, seguir seu próprio caminho na vida, tanto no âmbito econômico quanto no social, sem algum tipo de proteção de um pai, marido, parente, amante, caféão, de instituições (como conventos e escolas) ou de um empregador. Era mais do que evidente que essa "proteção" estava exposta a todos os tipos de abuso (social, econômico e sexual), embora houvesse muitos homens que levassem a sério suas responsabilidades paternalistas, enquanto as mulheres encontravam inúmeras maneiras, sozinhas e às vezes em grupo, de conseguir posições especiais no contexto de restrições em que estavam confinadas.

Considere, em primeiro lugar, a possibilidade de alguma independência econômica razoável mediante um emprego remunerado. O salário das mulheres (ver a bela 7) era geralmente insuficiente para satisfazer até as necessidades mais básicas

O estudo de Simon, de 1861, descreve uma mulher que trabalha em casa durante dez horas por dia e, mesmo passando pela estação morta mais curta possível, tem, ao ano escumativa generosa, uma renda anual de 500 francos. Depois de deduzir os custos básicos de aluguel e vestuário, restavam-lhe 59 céntimos por dia para alimentação – o suficiente para um pouco de pão e leite. Esse era o caso se ela estivesse sozinha, atuando em pleno rendimento. O trabalho nas oficinas, na prestação de serviços ou no setor do varejo (comércio ambulante e preparo de alimentos, por exemplo) oferecia perspectivas igualmente lúgubres<sup>3</sup>. Além disso, os ofícios predominantemente femininos, como os de criada e lavadeira, ocupados por 70 mil mulheres em Paris em 1870, eram também mal remunerados.

Uma modista, costureira ou encadernadora experiente podia ocasionalmente conseguir independência econômica<sup>4</sup>. Mulheres independentes (a maioria solteiras) podiam ser encontradas, de maneira dispersa, à frente do próprio pequeno negócio, em especial entre modistas, costureiras e encadernadoras, mas stia sobretudo a precária, pois elas tinham pouco acesso ao capital ou ao crédito em razão de dificuldades. A constante substituição das roupas feitas sob medida pelas roupas *porter* no setor de vestuário parece também ter achatado uma das poucas áreas em que empresárias independentes podiam competir com sucesso. As novas lojas de departamentos, que trabalhavam com roupas *prêt-à-porter*, ofereceram um novo tipo de oportunidade para mulheres atraentes e bem armadas, que eram empregadas de perto no sistema de controle paternalista. Essas oportunidades se expandiram após a greve dos trabalhadores do comércio em 1869, que levou os empregadores a recorrer mais ao trabalho "dócil" das mulheres.

O emprego doméstico, de longe a ocupação mais importante para as mulheres na década (111.496, em 1861), tinha características especiais. Oferecia alimentação adequada, alojamento (ainda que problemático) e condições de trabalho menos intensas. Mesmo as jornadas eram longas (com frequência duravam entre quinze e dezoito horas por dia, sete dias por semana) e as condições de vida eram rigidamente reguladas (as domésticas, como todas as mulheres, eram consideradas inferiores do ponto de vista jurídico e estavam sujeitas à estrita supervisão). Embora elas muitas vezes trocassem de empregadores, nunca conseguiam escapar da condição de quase escravidão aos caprichos do patrão. E isso às vezes significava caprichos sexuais (são abundantes as

Joulien, capítulo 1; Jules Simon, *Louvrière*, cit.

Jan Wallach Scott, *Gender and the Politics of History*, cit.; Michael Miller, *The Bon Marché*, cit.;

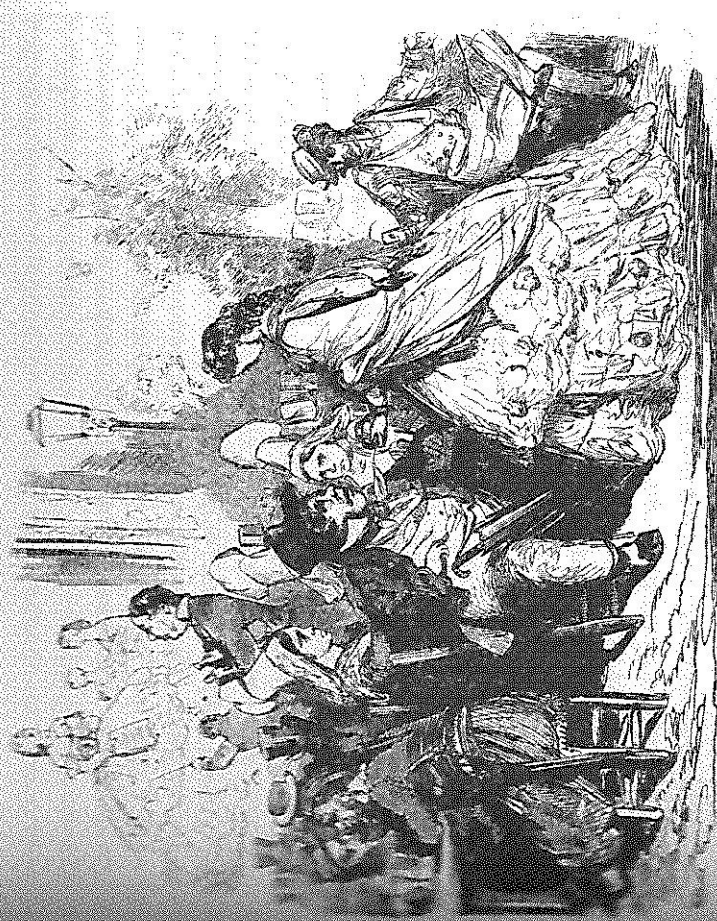
Theresa McBride, *The Domestic Revolution: The Modernization of Household Service in England and France, 1820-1920* (Nova York, Holmes & Meier, 1976), e "A Woman's World: Department Stores and the Evolution of Women's Employment, 1870-1920", *French Historical Studies*, Durham, Duke University Press, v. 10, n. 4, 1978, p. 664-83; Michel Lejeune e Philippe Lejeune, *Calicot*, cit.



histórias de domésticas obrigadas a satisfazer as necessidades sexuais dos filhos de patrões, para não haver o risco de estas serem sacadas em condições menos confortáveis e seguras). A gravidez indesejada era causa de demissão imediata, o que significava aborto ou prostituição. As domésticas “rebaixadas” impunham grande parte do contingente de prostitutas, assim como estavam vinculadas à maioria dos nascimentos ilegítimos e, provavelmente, dos corpos não reclamados citados por Michel. Apesar disso, se todos os perigos pudessem ser evitados, a posição de doméstica era desprovida de atrativos, dadas as alternativas disponíveis. Elas podiam ganhar os salários, embora baixos (as domésticas eram o maior grupo de pequenos produtores), e conseguir algum tipo de treinamento e até mesmo de educação; além disso, as domésticas que demonstravam lealdade podiam esperar obter uma pensão ou um legado na velhice. O serviço doméstico era também um caminho razoavelmente protegido para que as mulheres jovens de origem rural pudessem se integrar a uma raramente perigosa vida urbana (elas se concentravam nos bairros burgueses da cidade oeste, que eram mais seguros). Embora fosse difícil casar — e ainda mais difícil ter filhos — e continuar no serviço, uma doméstica jovem e prudente que guardasse algum como dote e aprendesse sobre como administrar uma casa não era uma perspectiva de casamento ruim para um lojista ou artesão. Por isso, a maioria das domésticas de preferência jovem (40% tinham menos de 25 anos de idade).

Mulheres instruídas podiam aspirar ao cargo de governanta, dama de companhia e professora primária, ocupações que também lhes proporcionavam certa liberdade de ação e para as quais a remuneração era em geral insatisfatória — e as professoras ganhavam menos de 400 francos por ano<sup>5</sup>. Somente as mulheres que tinham meios independentes (as que haviam se casado sob o sistema chamado *le regime dotal* tinham alguns direitos e a proteção da propriedade trazida como dote para o casamento) podiam evitar a base econômica da dominação social das instituições e costumes em uma sociedade dominada por homens<sup>6</sup>. Ser uma viúva bem dotada de recursos era um privilégio que muitas podiam esperar, mas poucas atingiam. Mulheres casadas que se separavam, como George Sand, só podiam readquirir o controle de sua propriedade após uma batalha legal que geralmente consistia na extorsão de concessões de um marido com o poder legal de colocá-la na cadeia por até três anos se elas sássem do casamento sem sua anuência.

Então, o que uma trabalhadora solteira que vivia de pão e um pouco de leite e trabalhava doze horas por dia podia fazer? A maioria dos comentaristas ha-



<sup>5</sup> Edith Thomas, *The Women Incendiaries*, cit.; Louise Michel, *The Red Virgin: Memoirs of Louise Michel* (Tuscaloosa, University of Alabama Press, 1981).  
<sup>6</sup> Frederick Green, *A Comparative View of French and British Civilization, 1850-1870* (London: J. M. Dent, 1965), p. 95.

FIGURAS 6A: Representações de Gustave Doré de um ambiente do Opéra (local tido como favorito para encontrar um amante) e do Café Concert retratam espaços em que os papéis das mulheres eram definidos pelo posicionamento sexual.



gueses concordava que havia duas opções básicas: suplementar a renda mediante prostituição ou estabelecer uma relação (formal ou informal) com um homem. A prostituição era muito disseminada – 34 mil mulheres estavam supostamente envolvidas nessa atividade na Paris da década de 1850 – e tratada pela burguesia com a hipocrisia habitual<sup>7</sup>. Nos estabelecimentos regulamentados – bordéis entre outros –, as atividades e a saúde das prostitutas podiam ser monitoradas pelas autoridades. O grande problema era o enorme número de mulheres que trabalhavam por conta própria e não eram registradas (havia cerca de 4 mil prostitutas registradas no início da década de 1850). O termo *femmes isolées* descrevia cava (como salienta Scott) às prostitutas não regulamentadas e às mulheres que trabalhavam de forma independente como modistas ou costureiras, o que exigia uma associação entre elas.

A prostituição se ocultava em uma ampla série de lugares, desde os salões de dança da classe baixa até a ópera e o teatro da classe alta, fundindo-se com a prostituição de “amante”. Para as mulheres, as tentações eram enormes, embora a probabilidade de elas tirarem partido da boa aparência para conseguir parte da fortuna de um banqueiro (como a Nana, de Zola) fosse muito pequena. Além do mais, havia demasiada competição no topo, pois os pontos altos da vida cortesã e burguesa já estavam devidamente ocupados. (Será que o marquês de Hertford realmente pagou 1 milhão de francos por uma noite com a requintada beleza que chegou a ser amante de Napoleão III, a condessa de Castiglione?) Mas em uma cidade grande como Paris, onde certo anonimato podia facilmente ser preservado, todos os tipos de relações eram possíveis, nenhum deles sem seus perigos. Por exemplo, era costumeiro os estudantes das províncias terem amantes, o que deu origem à curiosa profissão de *grisette*. Um inglês observou de perto a vida dos estudantes e, embora fizesse de tudo para desaprovar tal condição, terminou demonstrando certa admiração por essas mulheres. Elas cuidavam fielmente e bem de seus amantes, até administravam o orçamento, em troca de alívio do emprego tedioso e mal remunerado. Embora pudessem, como a malfadada Fantine em *Os miseráveis* de Hugo, ser deixadas em total desamparo quando o estudante retornasse às suas responsabilidades provinciais, e ainda que o casamento estivesse fora de questão, elas às vezes recebiam apoio para os filhos e talvez algum tipo de recompensa (além dos recursos para montar uma loja era uma das preferidas – muitas das proprietárias independentes conseguiram começar dessa maneira) pela sua lealdade.

Alguns lamentaram a substituição gradual das *grisettes* pelas “*lorettes*”. Assim chamadas por conta do distrito de Notre Dame de Lorette (onde elas presumivelmente se encontravam), as *lorettes* eram mulheres de prazer que usavam seu poder de sedução para ganhar dinheiro de curto prazo (refeições, diversão, presentes, assim como dinheiro). Como em suas memórias como jovem vendedor de uma loja de departamentos na década de 1850, apresenta um exemplo de como elas trabalhavam. Chamado no mesmo minuto para substituir um vendedor mais velho, ele levou alguns itens à loja em casa de um potencial cliente e foi recebido por uma mulher trajando um vestido de *grisette*. Obviamente surpresa, ela explicou que não tinha dinheiro naquele momento e sugeriu a ele que deixasse os itens para serem examinados e pedisse ao mesmo vendedor que retornasse mais tarde para buscar o pagamento. Lejeune pegou os itens e saiu correndo da casa. Esse papel da *lorette*, observou o visitante inglês, “é exatamente uma reação apropriada a um sistema legal construído apenas para ‘a proteção do prazer dos homens’”. Dadas a ostentação das amantes (sustentar uma era sinal de riqueza na classe média) e as inúmeras interseções entre a burguesia e as mulheres de situação duvidosa dos cafés e bulevares, dos teatros e do Opéra, as possibilidades e opções eram infinitas. Haussmann, por exemplo, teve uma ligação bastante aberta com uma atriz do Opéra, que prosperou sob a sua proteção.

Então, o maior parte da prostituição era fruto do desespero e da fome de uma (parecia-se mais com Gervaise, cambaleando nos bulevares após três dias de comer em *A taberna*, de Zola, do que com a espetacular ascensão e queda de sua filha Nana no romance homônimo). A prostituição era sobretudo tão vasta e difundida quanto a pobreza que a gerava. Apenas ocasionalmente uma *madame* tinha o talento necessário para transformá-la em um negócio razoável – em 1870, cerca de 1% das proprietárias de bordel eram mulheres – e, mesmo assim, era difícil manter os cafetões a distância<sup>8</sup>. No entanto, para uma mulher que vivia às próprias mãos com um orçamento que só lhe permitia pão e um pouco de leite, a oferta de uma boa noite fora ou uma bijuteria barata era mais que tentadora. E para as mulheres casadas cujas famílias estavam no mais desesperador apuro financeiro, a prostituição era muitas vezes a única opção. O industrialista Poulot até se preocupava com o fato de as mulheres da classe trabalhadora (inclusive as casadas) estarem quando as ruas em um posicionamento de vingança e guerra de classe.

Comparado a isso, qualquer tipo de ligação razoavelmente segura com um homem de recursos devia parecer uma verdadeira emancipação econômica. “Para ter o suficiente para viver”, disse Paule Minck, as mulheres “arranjam um amante e cini-

7 Theodore Zeldin, *France, 1828-1945*, v. 1: *Ambition, Love and Politics* (Oxford, Clarendon, 1973), p. 307; Alain Corbin, *Les filles de nocé: mièrre sexuelle et prostitution aux 19ème et 20ème siècles* (Paris, Aubier Montaigne, 1978); Jill Harsin, *Policing Prostitution in Nineteenth Century Paris* (Princeton, Princeton University Press, 1985).

8 Boyle St. John, *Purple Tints of Paris*, cit., p. 233-308; Michel Lejeune e Philippe Lejeune, *Calicot*, cit.; Jill Harsin, *Policing Prostitution in Nineteenth Century Paris*, cit.; ver também Denis Poulot, *Le Calicot*, cit.



...o que as expunha a todo tipo de exploração pelos homens dominantes. Então, na medida de seu trabalho era indispensável (caso em que elas eram atraídas em massa, onde o assédio sexual e a violência eram bastante comuns<sup>11</sup>), ou sua força de trabalho acabava sendo absorvida na própria casa, como assistentes e ajudantes de homens (como na descrição de Zola sobre o comércio de correntes de ouro em *A confissão*). Elas podiam ser acolhidas e receber proteção, mas depois eram postas para trabalhar (seu trabalho era mais barato do que o de um aprendiz sob as mesmas condições) e abandonadas caso engravidassem. Em geral, esperava-se que também deixassem a casa, embora sua carga de atividades com frequência as impedisse de encontrar de forma eficaz como esposas e mães.

Apesar de longo do Segundo Império, esse foi o foco das objeções de homens e mulheres às terríveis condições e cargas de trabalho em muitos campos da indústria francesa. Os representantes dos alfaiates na Exposição de Londres de 1862 se queixaram, por exemplo, de que o sistema de trabalho domiciliar ao qual eles estavam sendo cada vez mais submetidos não os ajudava, como proclamavam os teóricos feministas, a moldar uma vida familiar mais compensadora. Ao trabalharem de manhã a deztoito horas por dia, auxiliados por esposas desprovidas de remuneração, não sobrava tempo para as funções domésticas. "Enquanto a esposa descansava, quando faz sua parte e prepara as tarefas dela; quando ele termina, ou melhor, quando a exaustão, a esposa se levanta e o marido ocupa o lugar dela [...] Como a mulher nessas circunstâncias deploráveis pode educar e criar os filhos de modo eficiente?<sup>12</sup> O pior de tudo é que, quando seu companheiro ficava esgotado, frágil e destruído (com frequência em uma idade relativamente precoce) devido às condições atrozmente em muitas das oficinas, a mulher cada vez mais tinha de assumir não só o sustento dele, mas do resto da família, com um salário irrisório. Portanto, prematuramente de um trabalhador era talvez a pior de todas as situações que uma mulher podia se encontrar.

Caso fosse trocada por outra, ou pela companhia de cabarés e tabernas, a mulher poderia ser o bastante para a maioria das oradoras nas reuniões públicas após 1868 enfatizar o direito ao divórcio e à união livre<sup>13</sup>. Mas não estava de modo algum evidente que tal concentração nas formas legais tivesse qualquer significado para as mulheres da classe trabalhadora, cuja vida cotidiana era nada além da mera luta pela sobrevivência. Contudo, havia muitos relacionamentos afetivos entre homens e mulheres

<sup>11</sup> Jean Wallach Scott, *Gender and the Politics of History*, cit., p. 101; Alain Cortreau, "Frude Picaudelle", cit.

<sup>12</sup> Jacques Rancière e Patrick Vauday, "Going to the Expo: The Worker, His Wife and Machines", cit. Alain Dalotel, *Paule Minck*, cit., p. 134.

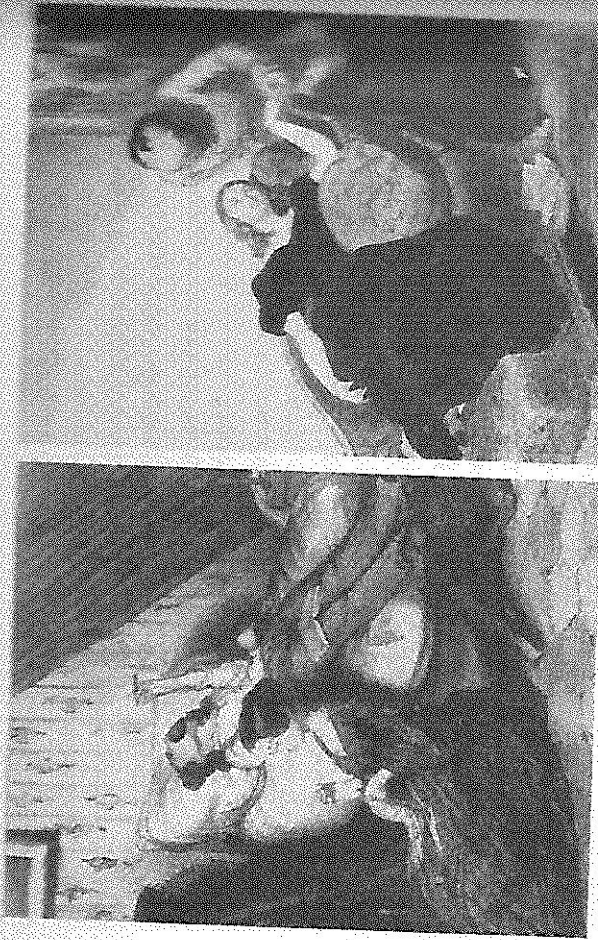


FIGURA 65: As ocupações de grisette e lorette eram os temas preferidos de Paul Gavarni. A esquerda, um estudante sendo convidado por sua grisette; diz que, quando se tornar ministro da Justiça, ela terá as mulheres de atrapalharem o aprendizado dos estudantes (e ela replica que ele então seria privado de consensar). A direita, o gulante visitante diz à lorette que ela está bela como sempre, e ela lhe responde que está, evidentemente, sua posição na vida.

camente admitem isso<sup>10</sup>. O problema era que elas necessitavam financiamento do homem, para o qual esposa e filhos eram obrigações econômicas, a menos que a mulher trabalhasse. Dessa desigualdade surgiram vários tipos de relação. Na cidade se trabalhadora de Paris, o concubinato era tão comum quanto o casamento. Isso ocorria em parte porque o casamento era custoso (a licença era cara) e cercado por todos os tipos de formalidades legais (abaixo dos 25 anos, o consentimento dos pais era obrigatório). Antes de 1860, muitos se casavam no 13º arrondissement (a parte trabalhadora aconteciam por razões religiosas ou econômicas, ou devido a outras conexões familiares, que muitas vezes remetiam à província de origem. O casamento às vezes significava relações temporárias, mas muitas delas eram comparativamente duradouras e em tudo se assemelhavam ao casamento, menos no nome. O problema era que as mulheres entravam em um relacionamento sem qualquer proteção econômica e não tinham nenhum poder legal para sair dele com o mínimo de honra

<sup>10</sup> Alain Dalotel, *Paule Minck*, cit., p. 134.



dentro e fora do casamento, e eles com frequência ocorriam sob as piores circunstâncias econômicas. A maioria dos homens falou calorosamente sobre valores da vida familiar diante da Comissão dos Trabalhadores de 1867, e as poucas feministas socialistas que restaram, no Segundo Império, do vigoroso movimento que teve seu apogeu em 1848 também associaram a demanda pelo direito a remunerações proporcionalitárias ao reconhecimento da importância da família (e do papel especial das mães na vida social. Poulot observou tanto relacionamentos de apoio mútuo entre os trabalhadores quanto relações mais casuais e casamentos contestados. As mulheres queixou-se ele, podiam acabar jogando o jogo do “sublimismo” tão bem quanto os homens e, com frequência, estabeleciam fortes parcerias contra os empregadores. As investigações sociais de Le Play mostraram que elas em geral controlavam o orçamento doméstico e chegavam até mesmo a dar ao homem o dinheiro para o almoço. Na prática, que os empregadores buscavam ampliar dando contracheques para o marido, para levar para casa, fez Poulot caracterizar a “boa esposa” como a mulher que economizava e administrar os gastos domésticos enquanto incentivava o companheiro a adotar hábitos moderados e laboriosos. Na luta para controlar seus trabalhadores, os patrões buscaram firmar alianças com as esposas (o que também explica o interesse do empregador na educação das mulheres). No entanto, essa estratégia funcionou apenas em raras ocasiões, e a solidariedade entre marido e esposa diante da exploração do empregador parece ter sido bastante generalizada<sup>14</sup>.

A “boa esposa” tinha vários papéis ideais importantes no pensamento burguês. Restrições cada vez maiores ao acesso das mulheres à vida pública, a separação entre a casa e o local de trabalho, bem como a desordem e o caos crescentes da vida urbana, revolucionaram o papel das mulheres burguesas na Paris do século XIX<sup>15</sup>. Elas se tornaram não apenas administradoras e gestoras da família (papel evitado por suas antepassadas aristocráticas), como também assumiram a função de estabelecer a ordem no lar, em particular a espacial e temporal. Essa última atuação se tornou cada vez mais exclusivamente sua; elas administravam os criados, mantinham a pontualidade e impunham uma disciplina férrea sobre a organização interna da casa. A disciplina era tanto uma expressão da racionalidade capitalista quanto uma expressão de resposta estruturada e controlada às paixões desenfreadas e à desordem que reinavam não apenas nas ruas, mas também no mercado. Esse espaço externo de papéis e estímulos excessivos devia permanecer fora de seu alcance. “Uma mulher controla



FIGURA 66: De acordo com esta ilustração de Daumier, a boa esposa e a família burguesa atingem certa estabilidade e cabem paternalista, que também podem ser encontradas em muitas pinturas impressionistas.

controla em um espartilho, contida em uma casa, era uma mulher ordeira.” Ela devia ser como Michelet a descreveu, a guardiã de outro tipo de intimidade e cuidado privados, diferente daquele exibido no mercado<sup>16</sup>.

Essa era a área em que as duas mais famosas artistas impressionistas — Berthe Morisot e Mary Cassatt — concentravam sua atenção. Mas seria um erro concluir que isso refletia a condição geral das mulheres, em vez da posição de um pequeno grupo que parecia tão dedicado a promover os ideais da domesticidade e da maternidade quanto Michelet ou Simon. Griselda Pollock talvez esteja exagerando um pouco quando afirma que a arte de Morisot e Cassatt refletia o fato de que “uma

<sup>14</sup> Alain Cottereau, “Frude Préalable”, cit., p. 25-7; Frédéric Le Play, *Quartiers de deux villes* (Paris, Armand Colin, 1983), p. 9, e *Les ouvriers européens* (Paris, Tours, A. Mame et Fils, 1875), v. 5, p. 427-30.

<sup>15</sup> Erna Hellerstein, “French Women and the Orderly Household”, *Western Society for French History*, n. 3, 1976, p. 378-89; Theresa McBride, *The Domestic Revolution*, cit., p. 21-2.



serie de locais estava fechada para elas e aberto a seus colegas homens, que podiam se movimentar livremente com homens e mulheres no mundo público socialmente fluido das ruas, do entretenimento popular e das trocas do comércio ou do "casual". É inegável que elas não deviam estar nesses lugares, segundo a opinião burguesa, e que sua arte refletisse isso; porém, se realmente não tinham acesso a esses espaços é outra questão<sup>17</sup>.

Daumier transmite uma percepção completamente diversa dos variados papéis das mulheres em diferentes posições de classe nos espaços públicos e na sociedade parisienses. Algumas burguesas tentavam permanecer próximas ao mundo do trabalho e do poder, chegando até a se aventurar na Bolsa de Valores (embora não pudessem negociar por conta própria, elas ficavam à espreita nos corredores e nos e mandavam agentes comprarem ações em seu nome). No papel de lojas consumidoras, assim como expositoras de moda, elas desempenhavam, como os homens, um papel fundamental na cultura do consumidor e na apresentação pública das mercadorias como espetáculo. Além disso, os salões da Paris do Segundo Império eram tão famosos (se não mais) quanto seus predecessores como centros de intriga política, financeira e cultural. Mas esse não deveria ser o caminho da "mulher burguesa" que, como Olivia Haussmann, simplesmente governava a casa e a competência. Foi nesse espaço interno que uma espécie de "feminismo doméstico" pôde surgir, um centro onde as mulheres tinham considerável poder. Talvez fosse só que as pintoras impressionistas estavam procurando captar e até mesmo celebrar.

Dentro de casa, a mulher também adquiriu um papel extremamente importante como educadora — apesar dos influentes protestos de Proudhon de que a educação das crianças deveria estar sob o controle do pai. Já a educação das mulheres, por sua vez, tornou-se foco de intenso debate e interesse públicos. A Igreja conservadora seu controle praticamente exclusivo sobre o ensino das meninas como garantia para a perpetuação de sua influência moral, enquanto os reformistas burgueses como Jules Simon e Victor Duruy, achavam que o progresso social dependia fundamentalmente de uma educação mais liberal e completa das mulheres de todas as classes sociais. A reverência concedida à mãe era extraordinária. Le Play chegou, por exemplo, que o respeito pela mãe era um elemento essencial no ritual de socialização dos carpinteiros. E a *mère terrible* espreita no pano de fundo de quase toda a poesia e ficção do período (veja Baudelaire e Flaubert). Se os vários marcos da época servem como referência, ao que parece, o papel da parceira sexual devia ser negligenciado; a incidência de dolorosas doenças ginecológicas (que atingiam talvez até 80% das parisienses) era tão alta que chegava a ser um horror.

mas a uma parceria sexual regular". As doenças venéreas também cobraram um preço em mortes e sofrimento.

Esses papéis parecem ter se transferido até mesmo para as camadas mais baixas da classe trabalhadora<sup>18</sup>. É claro que eles foram muito modificados, pois se espera que a esposa (ou equivalente) pertencente a esses estratos sociais não apenas trabalhasse do lar, mas suplementasse a renda familiar atuando como costureira ou trabalhando fora de casa com a venda de alimentos, lavagem de roupas ou como amante do homem em oficinas ou lojas. Os trabalhadores em situação melhor também ter esperanças de encontrar para suas esposas funções como as de atendente em mercearia, vendedora de vinho, lavadeira etc. No entanto, apesar disso, muitas mulheres parecem ter tido um considerável controle da administração e das contas domésticas, da educação, da saúde e até do planejamento familiar.

Ao que parece, elas eram companheiras confiáveis e quase sempre valorizadas pelo mesmo nesses papéis. Muitas propostas feministas de reforma seguiram o pensamento de Flora Tristan ao conceber a família como instituição central para a situação de uma vida boa, mas reconheciam que as relações sociais e as condições econômicas prevalentes do capitalismo inviabilizavam uma vida familiar de qualquer natureza. Também se reconhecia amplamente que o status das mulheres trabalhadoras, as "proletárias do proletariado" na expressão memorável de Engels, significava que as tensões entre gênero e classe, entre feminismo e socialismo, haviam sido relativamente atenuadas nesses anos. O Sindicato das Mulheres de Paris desempenhar um papel muito importante na Comuna de Paris.

A prestação do planejamento familiar levanta o espinhoso problema do aborto. As pesquisas domésticas, amantes e atrizes tinham fortes incentivos para interromper gestações indesejadas. E o mesmo valia para mulheres da classe trabalhadora em contribuição para a renda familiar estava em jogo; elas com frequência tinham aprovação tácita dos homens, que viam "pouco sentido em gerar sua própria prole". Comparado à média nacional, o índice de natalidade parisiense era extremamente baixo. Observadores posteriores avaliaram que o aborto já era um aspecto de larga escala na década de 1850, e a disseminação nas décadas seguintes

<sup>17</sup> Richard Le Play, *Quarriers de deux mondes*, cit., p. 9; Theodore Zeldin, *France, 1848-1945*, v. 1, cit., p. 393-395.

<sup>18</sup> Edward Berlanstein, "Growing Up as Workers in Nineteenth-Century Paris: The Case of Octave of the Prince Imperial", *French Historical Studies*, Durham, Duke University Press, 2011, n. 4, 1980, p. 551-76; Frédéric Le Play, *Quarriers de deux mondes*, cit., p. 149, 274; Alain Corcos, em "Etude Préable", cit., é enfático na defesa de uma relação amplamente não controlada entre o feminismo e o socialismo, mesmo diante das exclusões de Proudhon. Em "Going to the Expo: The Worker, His Wife and Machines", cit., Jacques Rancière e Patrick Vauday também, no entanto, o contrário.

<sup>17</sup> Elizabeth Wilson, "The invisible Flâneur", cit., apresenta uma crítica útil de Griselda Pollock, *Vision and Difference: Femininity, Feminism and the Histories of Art* (Londres, Routledge, 1996).



do conhecimento sobre métodos para induzido (alguns folclóricos e outros mais poderosos, até mesmo petegosos) certamente tinha raízes em épocas anteriores. Mas as mulheres parecem ter exercido algum controle sobre o próprio corpo sem, porém, nesse caso, o que é mais coerente com a tese de um feminismo doméstico, a vez de um feminismo fortemente público e político.

As estruturas familiares convencionais, legalmente santificadas ou não, sobreviveram e permitiram às mulheres todas as possibilidades e limitações inerentes a tal situação. Muitos casamentos burgueses eram puros empreendimentos de negócios, hábito que se espalhou para os lojistas e *petits commerçants*, com efeitos particularmente malévolos. Mas os relacionamentos da classe trabalhadora pareciam ser caracterizado por um apoio mútuo bem maior do que a opinião burguesa poderia crer (como a de Zola). Poulot queixava-se de que muitas das tentativas para trazer as esposas suas aliadas na luta de classe saíram pela culatra. Aos sábados à noite, as tabernas estavam regularmente repletas de famílias inteiras que celebravam qualquer vantagem obtida naquela semana sobre os empregadores. Longe de serem verdadeiras fúrias selvagens enraivecidas, como a burguesia tão frequentemente desprezou, as mulheres que participaram no cerco e na Comuna estavam em sua maioria apenas dando apoio a seus homens de um modo muito tradicional, conforme se evidenciava uma política feminista alternativa nos clubes e associações de mulheres que surgiram, ela reivindicava não somente o direito ao divórcio e ao trabalho, mas também o estabelecimento de uma base econômica para a emancipação das mulheres por meio de uma organização coletiva da produção e do consumo. As mulheres que cerraram fileiras na Comuna eram costureiras, modistas, finalizadoras, cortadeiras, lavadeiras, aparadoras e fabricantes de flores artificiais (empregadas domésticas dificilmente participaram), que possuíam longa vivência (pois grande parte delas tinha mais de quarenta anos) na base econômica de sua própria dominação e que, como os homens, viam a solução na política coletiva e cooperativa<sup>21</sup>.

Mas se existe algum tema específico que se destaca durante o Segundo Império é o do crescente controle feminino sobre o espaço interno da casa, associado ao crescente transformação das mulheres em mercadoria na vida pública. É necessário ler Balzac para perceber que isso não era inteiramente novo, não mais do que especulação imobiliária ou financeira. Mas, como nesses outros casos, o Segundo

Império viu um salto quântico para um diferente plano de práticas. A monetização e a mercantilização das relações sexuais e pessoais em todas as classes e a crescente importância das mulheres na economia doméstica e no mercado de trabalho representavam uma enorme transformação em seu papel na sociedade. Era, porém, esta transformação atravancada pelas estruturas jurídicas tradicionais da dominação masculina e da organização econômica. No entanto, uma batalha de guerrilha estava se desenvolvendo dentro da crescente monetização das relações sociais, batalha na qual as domésticas aprendiam a usar e até a ludibriar os empregadores; as costureiras, a dar golpes nos clientes; as *lorettes*, a substituir as *grisettes*; as esposas e companheiras, a controlar ainda mais a circulação dos rendimentos; as mulheres empregadas, a assumir a liderança de moldar a cultura de consumo na moda; e as trabalhadoras, a enfrentar o desafio de exercer novos tipos de trabalho nas fábricas e em outras funções na prestação de serviços, bem como a explorar formas de organização alternativas que pudessem criar a base econômica para sua emancipação futura. Isso como se as mulheres tivessem percebido que, se elas eram uma mercadoria alienada, com um valor monetário, então poderiam se valer da democracia do trabalho como ferramenta para sua própria libertação, quer como consumidoras, quer como produtoras.

<sup>20</sup> Claudé Anthime Corbon, *La secret du peuple de Paris*, cit., p. 65; Angus McLaren, "Alibi" in: *Women and the Regulation of Family Size, 1800-1914*, *French Historical Studies*, Durham, Duke University Press, v. 10, n. 3, 1978, p. 461-85.

<sup>21</sup> Denis Poulot, *Le sublime*, cit.; Edith Thomas, *The Women Incendiaries*, cit.; Claire Mosca, *Feminism in the Nineteenth Century*, cit.